

## APRESENTAÇÃO

No momento em que escrevemos a apresentação do número 71 desta *Revista da SEP*, a economia mundial passa por um período de forte turbulência. Em reação ao tarifação do presidente americano, pautada sobretudo pela retaliação chinesa, as bolsas de valores de todos os centros financeiros do mundo experimentaram substantivas baixas. Já o dólar, a moeda doméstica desse mesmo país que tem em Trump seu mandatário maior... bem, essa se valorizou em relação a todas as principais moedas, arrastando também o Real brasileiro, que, na sexta-feira, 4 de abril, sofreu sua maior queda relativa em três anos.

Repetindo o que ocorreu na crise financeira internacional de 2008, frente ao crescimento da incerteza, a riqueza financeira do mundo corre para o dólar americano, mesmo que sejam os EUA os responsáveis primeiros pelo cenário obscuro que de súbito irrompe (lembremos não só que o Lehman Brothers, a faísca que detonou a enorme crise de quase duas décadas atrás, é um banco americano, como, principalmente, que sua quebra estava diretamente associada à grande jogatina em que havia então se transformado o mercado imobiliário do império).

Tais movimentos desencontrados, em que as “vítimas” buscam refúgio em seus “algozes”, constituem sintoma evidente do desacerto geral que tomou conta do capitalismo nas últimas décadas, com claro aprofundamento das contradições que lhe são intestinas. Isto posto, e frente ao evidente aumento de frequência dos eventos climáticos extremos e o fortalecimento em todo o planeta dos movimentos, partidos e governos de

extrema direita, o termo “policrise” tornou-se amiúde utilizado. Todavia, para Alfredo Saad, que assina o primeiro artigo deste número, trata-se de termo enganoso, pois reconhece a multiplicidade dos desafios atualmente presentes, mas ignora as relações essenciais entre eles, supondo apenas uma coincidência de infortúnios, em vez de crise sistêmica.

O objetivo do artigo de Saad é delinear tais desafios, mas a partir de uma visão integrada e ancorada na abordagem marxista. Tal análise, portanto, leva necessariamente em consideração os traços definidores da atual quadra histórica, marcada pelo neoliberalismo, que, para ele, é um sistema de acumulação comandado pelo capital portador de juros e pela financeiraização da produção. O artigo tem também o objetivo de esboçar uma alternativa democrática a tal estado de coisas, que permita não só enfrentar os enormes desafios, como apontar para uma nova sociedade, baseada na igualdade, na segurança material e na liberdade humana, bem como na sustentabilidade ambiental.

Conseguir pensar para além dos constrangimentos poderosos impostos pelo mundo do capital é também o objetivo último de Eduardo da Motta e Albuquerque. Com seu foco direcionado às mudanças contemporâneas na dinâmica capitalista, sobretudo às implicações do intenso processo de internacionalização da economia, o autor busca mostrar de que modo elas podem ser avaliadas e interpretadas em um esforço colaborativo para atualizar um programa de superação do capitalismo.

Por trás das alucinações, por assim dizer, de Donald Trump, bem como dos artigos de Saad e Albuquerque, está o mesmo pano de fundo histórico, a saber, as dificuldades crescentes enfrentadas pela gestão neoliberal do capitalismo, principalmente no período pós-crise de 2008. As duas resenhas publicadas neste número vão na mesma direção. Tarik Hamdan nos fala do livro *BRICS and the global financial order: liberalism contested?* de Johannes Petry e Andreas Nölke, o qual busca discutir até que ponto os Brics podem ser entendidos como uma contestação à ordem financeira liberal.

Com sua análise centrada na questão da saúde e a partir da investigação de indicadores de morbimortalidade, David Stuckler e Sanjay Basu em *A economia desumana: porque mata a austeridade*, publicado pela editora portuguesa Bizâncio, elaboram uma análise que, segundo seu resenhista Pedro Aniceto, transcende a esfera da saúde pública, inscrevendo-se no debate mais amplo da economia política contemporânea. Para ele, as reflexões presentes no livro dialogam com as questões relativas à crescente financeirização das economias nacionais, assim como com a política econômica levada a efeito pelos Estados nacionais, marcadas pelas medidas de austeridade, com impactos ferozes sobre as condições de vida.

O capítulo brasileiro do neoliberalismo, como se sabe, ganhou tintas mais fortes com a ascensão de Bolsonaro ao poder em 2019. Foi apoiado inteiramente no credo ultraliberal de seu “ministro de tudo” Paulo Guedes que o mandatário então eleito governou o país. Victor Leonardo Araújo avalia a política econômica do governo Bolsonaro (2019-2022) sob a hipótese da existência de uma conciliação entre, de um lado, o neoliberalismo radical adotado como princípio e, de outro, o pragmatismo na condução da economia, especialmente durante a pandemia da Covid-19 e o ano final de seu governo, quando buscava assegurar a competitividade na disputa pela reeleição.

Apesar do pragmatismo que minorou as consequências do ultraliberalismo de Guedes, o novo giro do comando neoliberal veio cair sobre um terreno estruturalmente marcado pela pobreza e pela desigualdade, reflexo sobretudo das condições em que funciona o mercado de trabalho no país. Nesse sentido, Carlos Nascimento, Joacir Aquino e Marcos Soares realizam um bem-vindo exercício estatístico, visando descobrir se teria havido (ou não) alguma alteração substantiva na incidência de trabalho superexplorado no país no período 2002-2014 — um período, como se sabe, de forte expansão econômica e crescimento do emprego formal, só interrompidos em 2009, por força da crise internacional. Utilizando microdados e dados do Pnad/IBGE e do SMN/Dieese, os autores chegam à conclusão de que houve uma redução na participação dos trabalhadores que se encontravam na condição

de superexplorados. Observam, contudo, que quase a metade da amostra analisada ainda era de superexplorados ao final do período, indicando um quadro desafiador para a classe trabalhadora mesmo em um contexto econômico favorável. Como tivemos na sequência, período 2015-2022, não só uma profunda crise (queda de quase 7% do PIB em dois anos), como um golpe de estado e a implantação, sob a batuta de Michel Temer, de um programa liberal radical que, entre outras medidas, destruiu os direitos garantidos pela CLT (que regulava o mercado de trabalho no país há mais de 70 anos), essa situação deve ter ficado ainda mais complicada.

A piora das condições enfrentadas pelos trabalhadores não é, todavia, privilégio de nosso país. Por força dos desenvolvimentos associados às chamadas tecnologias de informação e comunicação, vão emergindo novos fenômenos envolvendo não só a exploração *stricto sensu* econômica, mas igualmente as formas de gestão do trabalho. Resgatando categorias marxianas, Bianca Bonente, Bernardo Campos e Tomás Carvalho discutem as novas formas de trabalho mediado por plataformas digitais e sua relação com os fenômenos da flexibilização produtiva e da precarização. As formas de controle e gerenciamento que incidem diretamente sobre o novo infoproletariado, dentre outras implicações concretas das novas formas de trabalho, também são aí debatidas.

Por fim, fechando a seção de artigos do presente número, Gabriel Duccini vai se debruçar sobre a obra do economista e historiador francês Charles Bettelheim, que participou ativamente da polêmica sobre a transição entre capitalismo e socialismo ao longo do século XX. Sua análise centra-se nos trabalhos maduros do francês, escritos a partir dos anos 1960, quando Bettelheim passa então a modificar suas concepções sobre a planificação socialista. Duccini procura demonstrar que essa mudança está em conexão com o impacto da revolução chinesa e da experiência de descentralização ali presente, a qual se ligava diretamente à reação contra o modelo soviético e sustentava a continuidade da luta de classes, convergindo com os desenvolvimentos teóricos de Bettelheim. Segundo Duccini, o famoso marxista

teria buscado assimilar em suas posições teóricas a possibilidade de formas descentralizadas de planejamento fazerem parte do processo de transição socialista.

Em tempos de agudização das contradições do capitalismo e da necessidade urgente de pensar alternativas, como o demonstram outros artigos deste número de nossa revista, nada melhor do que revisitar a história pelas lentes instigantes de um autor como Bettelheim. Esperamos que os artigos e resenhas aqui reunidos sejam úteis para avançar na compreensão do momento presente e dos desafios que ele nos coloca.

Agradecemos, mais uma vez, o Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal) que nos forneceu o decisivo apoio material para que pudesse vir a público esta edição. Ficam aqui nossos sinceros agradecimentos.

Boa leitura!

Comitê Editorial